

Igor Alcantara

Igor Alcantara

Sonhos e Delírios

1ª Edição

Igor Raphael de Alcantara

Ilustrações de Victor Moletta

2011

Créditos

ISBN: 978-85-912003-0-6

Primeira Edição, 2011

Texto escrito por: Igor Alcantara

Ilustrações: Victor Moletta

Leitores que tiveram sonhos e pesadelos escritos e adaptados neste livro: Danila Silva, Hugo Andrade, Lucas Lopes e Lucas Tenório.

Contatos:

Igor Alcantara:

<http://www.igoralcantara.com.br>

<http://www.twitter.com/luzzifuge>

leitor@igoralcantara.com.br

Victor Moletta:

<http://victormoletta.deviantart.com/>

victormoletta@hotmail.com

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me dá tudo o que preciso na medida em que necessito.

Em segundo lugar à minha família, em especial à minha amada e querida esposa, que tanto me apoiou neste projeto e, desde o começo, acreditou que ele seria possível, bem como aos meus filhos. Juntos eles são a inspiração de minha vida.

Por fim, agradeço aos fiéis leitores que semanalmente liam os capítulos que eram publicados na Internet e participavam das enquetes que definiram o destino desta estória. Sem vocês, suas cobranças, críticas e elogios, nada disso seria possível. Vocês foram meu incentivo para ir até ao final e terminar esse projeto sonhado desde tanto tempo.

Agradeço em especial aos dois mais fiéis leitores Lucas Tenório e Hugo Andrade que, juntamente com Danila Silva e Lucas Lopes, permitiram que alguns de seus sonhos e pesadelos fossem descritos e adaptados a este livro.

Sonhos e Delírios

Igor Alcantara

Prefácio

** Escrito na versão online do livro, antes que o primeiro capítulo fosse escrito.*

Não sei se posso chamar esta obra de um livro, pois certeza de seu futuro não há. Pode ser que uma editora me convide a publicar esse texto, mas o realmente provável é que isso não ocorra. Sendo assim, chamarei isso que estou fazendo de Projeto.

Pois bem, este projeto é algo bem despretenso. Não tenho ambição em ficar famoso ou que muitas pessoas leiam o que escrevo. Gostaria de ser lido, mantendo-me no anonimato, mas nada disso é objetivo disso. O que espero é tão somente poder compartilhar com uma ou duas pessoas algumas ideias de estórias que desde muito tempo tenho guardados apenas para mim, em meu mundo de sonho interior.

Estou preparado para todo tipo de críticas, isso é normal e de certo modo é bom, pois significa que alguém perdeu seu precioso tempo lendo o que escrevo. Na verdade, espero que as pessoas critiquem e façam sugestões sobre o projeto, o futuro deste texto está sempre em aberto e as pessoas podem ajudar a dar-lhe o rumo que quiserem; tudo dentro do bom senso, claro.

Algumas inspirações e referências são óbvias e gostaria de citá-las. A mais gritante é sobre a obra de Neil Gaiman, onde o mesmo trata dos Perpétuos, um ou dois deles mais em especial. Sim, esta é uma fonte de inspiração clara. Mas não quero aqui copiar o que Gaiman fez ou superá-lo. Essa foi apenas uma fonte de inspiração dentro de centenas, onde citarei algumas.

Desde meus nove anos de idade, invisto parte de meu tempo com a leitura de clássicos. Deste hábito vêm minhas duas maiores inspirações

Sonhos e Delírios

narrativas: Kafka, com sua narrativa introspectiva e angustiante, e Dostoievski e suas descrições precisas e geniais do homem comum. Jamais quis imitá-los o estilo, mas como li quase tudo que ambos publicaram, por mais de uma vez, a influência em meu estilo é inevitável.

No que estás prestes a ler, encontrarás referências diversas, muitas bem sutis, mas boa parte das ideias nasceu de minha pobre, mas insistente, cabeça imaginativa. Espero, como disse, que participe ativamente desta experiência, ou projeto. Desejo que encontre na leitura destes textos o mesmo prazer que tenho ao escrevê-los.

E bons sonhos!

Comentários Adicionais

Esta obra é repleta de referências externas. Aconselho ao leitor que pesquise sobre alguns locais ou pessoas citados para aprofundar o seu conhecimento da obra. Visite minha página pessoa na Internet para obter algumas dicas sobre referências e curiosidades a respeito deste livro. Espero que aprecie a aventura que está prestes a começar.

O Autor.

Capítulo 1

Do alto do imenso prédio ele podia ver toda a cidade sob seus pés. Era um belo entardecer, mas não fazia ideia do motivo de estar ali parado no terraço. Do topo do edifício de mais de quarenta andares ele apreciava cada árvore, rua, carro e pessoa que avistava à distância. O trânsito nas densas avenidas da metrópole era intenso. Um enxame desordenado de insetos ambiciosos e inconscientes.

Vendo a uma distância tão grande, nem parecia que cada ponto daquele representava um ser vivente e pensante. Cada veículo tinha ao menos uma pessoa, com todo seu universo interior. O que será que cada um daqueles humanos pensava? Quantos não iriam ver a luz do dia seguinte? Por quais problemas passavam? Teria algum deles um segredo inconfessável? Estão felizes? Angustiadados? Desesperados? Ansiosos? Iludidos? Porque tantos carros tinham tão pouca gente neles? Quando foi que o mundo tornou-se tão egoísta? Ou será que sempre fomos assim?

Havia igualmente as árvores. Algumas nativas, mas a maioria jamais viveria naquela região se não fosse a intervenção humana. Cada planta daquela tinha ao seu redor um pequeno sistema biológico dependendo de sua saúde. Insetos, aves, pequenos roedores, todos vivendo naquele micromundo.

Enquanto observava a todos esses detalhes, ele percebeu uma pequena fumaça surgir de uma das árvores mais distantes. Concentrou um pouco mais o olhar e viu que uma chama se formava, mas não se importou muito com isso, parecia algo pequeno. Continuou a observar a cidade e entreter-se com seus devaneios.

Sonhos e Delírios

Entretanto, ele estava enganado quanto à importância da chama. O fogo começou a crescer rapidamente e logo tomou conta de um pequeno canteiro. Mesmo à distância, ele conseguia ver àquilo tudo com um inacreditável nível de detalhe.

Carlos sentiu medo. As pessoas passavam às margens do incêndio e nem ao menos olhavam para o lado. Estariam todos cegos? Perguntava-se ele. O fogo crescia a passos largos e nada era feito. Ninguém ao menos demonstrava tomar conhecimento deste fato. Era como se apenas ele, do alto daquele edifício tão distante, conseguia visualizar a cena.

- Como não podem ver algo assim se até eu que estou longe vejo? – Gritava em sua mente

De longe avistou um pequeno pássaro que saiu a partir da fumaça e fugiu para longe. Levou a mão ao bolso e sacou o telefone celular. Precisava ligar para o serviço de emergência e avisar sobre o ocorrido para que algo fosse feito a respeito. Para seu azar, ao tentar ligar a pressa fez com que ele deixasse cair o aparelho, que se perdeu no espaço a caminho do chão.

O fogo aumentava. Agora a fumaça já era alta e misturava sua cor com as brancas nuvens do céu. As chamas, extensas altas, já haviam destruído quase uma centena de árvores. Muito menos já teria levado muitas pessoas ao desespero, mas não aquelas, não naquela tarde. Novamente todos transitavam como zumbis, sem nada ver, nada dizer, nenhuma reação demonstrar.

O pássaro que havia saído do meio da fumaça agora voava alto, ele chegou a achar que ia a sua direção. Carlos decidiu gritar por ajuda. Mas ao tentar fazê-lo, percebeu que nenhum som saía de sua garganta. Não entendia o porquê e tentou gritar com mais intensidade, mas de nada adiantou. Quanto mais forçava a voz, mais sua garganta se mostrava

Igor Alcantara

inútil. Nenhum som sequer era emitido, Ao mesmo tempo, o pássaro chegava mais perto.

Seria um pardal, uma andorinha ou um pombo? Que pássaro foi aquele que conseguiu sobreviver ao fogo e ainda continuar um difícil voo para a fuga do incêndio? À medida que o fogo espalhava-se pela cidade, ele tentou sair e descer pelas escadas de modo a pedir ajuda. Mas de repente viu que no terraço do prédio não mais havia portas ou escadas. Como sairia dali agora?

Voltou-se ao batente e teve uma grande surpresa. O fogo já consumia quase toda a cidade. Já não se via mais ninguém, apenas o pássaro, que não era tão pequeno assim. Ao contrário, quanto mais ele se aproximava, mais Carlos percebia o quanto ele era grande. A aparência chegava a assustar, e ele voava em sua direção. Foi então que ele pousou no parapeito do prédio. Era um imenso abutre com as penas do corpo negras e o pescoço branco e cabeça da mesma cor. O tamanho era bem maior do que um abutre comum. Pode-se dizer que chegava a mais de dois metros de comprimento e mais de cinco de envergadura.

Carlos olhou para cima de modo a enxergar o abutre. Não estava com medo, apesar de que uma reação como essa diante de um animal tão grande seria compreensível. Foi então que a ave olhou para ele e falou com bastante calma:

- Corra, ande, corra logo!

Virou-se para trás e não estava mais no terraço do prédio. Era um campo árido preenchido por altíssimas árvores secas. Nenhuma folha ou fruto foram vistos, somente galhos mortos em uma floresta sombria. As árvores não eram tantas, mas o suficiente para tornar sua fuga bastante difícil.

Sonhos e Delírios

Olha para o chão e o vê avermelhado, rachado e sem água: estava morto. Tudo era desolação naquele local. O cheiro era cadavérico. Vira-se ao lado e o mesmo abutre gigante devorava as entranhas de uma criança cuja cabeça era a de um elefante. Diante de um Carlos tão assustado, o abutre sorri e continua sua refeição.

De repente todo o vale desértico ouve uma voz que grita por socorro. Era uma voz feminina. Bela e ao mesmo tempo desesperada. Ele não sabia por que e nem ao menos se perguntou o motivo, mas sentiu que era sua obrigação ajudá-la e voltou a correr, mas agora com destino à pessoa que clamava por ajuda.

Agora o som é outro. Ao longe uma matilha de cães selvagens corre em sua direção. Os corpos desses seres estavam abertos no dorso e podia-se ver seus ossos à mostra. Pequenos pedaços de carne saíam de suas costelas, mas eles pareciam não sentir dor. A pele era como uma cortina rasgada. No local dos olhos havia apenas um buraco, mas isso não os impedia de enxergar Carlos e persegui-lo.

Neste instante em que ele precisava correr cada vez mais rápido foi que suas pernas pareciam não funcionar. O esforço era descomunal, mas ele mal saía do lugar. Corria com todo o vigor, mas cada vez que aumentava a força, a sua velocidade de fuga era menor. E os cães demoníacos aproximavam-se cada vez mais.

De repente o chão começa a rachar e ele encontra mais dificuldades ainda. A terra vai aos poucos engolindo cada uma das árvores e essas gritam como se sentissem verdadeira dor. Eram gritos e sussurros que mais lembravam sons de morcegos agonizantes. O mundo todo parecia desabar para dentro das imensas erosões que se abriam no chão. Ilhas de terra são formadas, separadas por abismos recém-criados. O único que parecia alheio a tudo isso era o abutre que, por mais que Carlos corresse,

Igor Alcantara

permanecia ao seu lado, calmamente devorando a carne de algum animal morto.

Das fendas abertas no solo, começa a brotar um líquido vermelho e denso que ele logo identifica como sangue. Assustado, ele tenta mais uma vez correr, pulando as aberturas na terra até que ele tropeça. Na queda, fere suas costas em um galho de árvore que estava sendo engolida pelo chão. A dor daquele ferimento foi muito grande e ele percebeu que começou a sangrar. Esse sangue, de cor mais vermelha que o usual, começou a cair de seu corpo e na medida em que se misturava ao sangue brotado da terra, os dois transformavam-se em um líquido negro e fétido. De repente tudo começou a ficar com aquela cor, à exceção do céu, este em um tom de roxo jamais visto.

Os gritos de socorro da mulher desconhecida continuavam. A matilha que o perseguia chegou bem perto e estava prestes a alcançá-lo quando então que ele conseguiu finalmente correr. A dor tornava mais difícil a tarefa de escapar e salvar a dona daquela voz. Como havia ele chegado a uma situação tão absurda e inexplicável?

Com grande sacrifício, ele pula pelas ilhas de terra firme criadas entre as imensas rachaduras e aos poucos vê uma figura feminina ao longe. Seu esforço parecia finalmente valer algo. Reuniu o restante de sua energia e correu mais intensamente. Por várias vezes quase caiu nos buracos, mas algo parecia conspirar para seu sucesso.

A cada passo aproximava-se mais da mulher. Correu tanto que chegou perto dela. Tão perto que foi capaz de vê-la amarrada de costas a uma árvore. Era jovem e bela, disse ele sabia mesmo sem ter visto seu rosto. Cerca de três cães a ameaçavam. Estavam preparados para o ataque iminente.

Sonhos e Delírios

Esses eram semelhantes aos cães que o perseguiram: olhos vazios preenchidos por um buraco nas órbitas, aparência magra e corpo com pele rasgada com ossos e músculos à mostra. Entretanto, havia algo que ele só notou naquele momento: ao invés de patas caninas aqueles animais tinham pés humanos, todos cobertos por grossas camadas de pelo.

A jovem desconhecida tinha sua vida nas mãos de Carlos. Ele, em um ato de coragem, chega ao lado dela e começa a desamarrá-la. Os cães aproximam-se para atacá-lo e ela vira o rosto para adverti-lo do perigo. Todavia, ao tentar fazer isso, uma nova abertura surge no chão e ele é engolido por tal. E nem ao menos conseguiu ver o rosto dela.

Ele caiu por muito tempo até que olhou para baixo e viu nas paredes do fosso um conjunto de bocas repletas de dentes que engoliam tudo o que ali caía. Uma boca estava dentro da outra em uma sequência que parecia não ter fim.

Foi que na iminência de ser devorado que ele acordou. O despertador o chamava para mais uma rotina diária. Levantou-se aliviado e foi logo ao banheiro para escovar os dentes e tomar um banho rápido. Como sempre o alarme havia despertado por vários minutos e ele estava mais uma vez atrasado para o trabalho.

Capítulo 2

Carlos jamais havia tido pesadelos antes. Quando contava isso às pessoas, sempre surgia alguém com alguma explicação. “Você teve pesadelos com certeza, mas não se lembra deles”, diziam uns. “É normal a nossa mente bloquear lembranças ruins”, filosofavam outros. Mas para ele nada disso convencia. Ele sabia que em toda sua vida apenas sonhos bons o haviam acometido.

Achou-se sempre um privilegiado por isso. Estudos dizem que pesadelos são importantes para preparar a pessoa para dificuldades reais no dia-a-dia. Pesadelos funcionariam como um treinamento ou simulação de dificuldades diversas. Mas ele não se importava com aquilo. Com ele ocorria o oposto. Quando tinha problemas na vida pessoal, sabia que ao dormir tudo estaria bem, pelo menos nas poucas horas de sono.

Outro fato curioso sobre Carlos é que ele conseguia lembrar-se de todos os sonhos que teve em sua vida. As outras pessoas esquecem um sonho minutos ou horas depois de acordadas. Mas não ele. Cada detalhe de cada sonho que teve desde seus sete anos de idade, ele lembra como se tivesse acabado de sonhá-los.

Aquela noite, todavia, tinha sido diferente. Pela primeira vez em seus vinte e sete anos de idade ele havia tido um pesadelo. Não bastando isso, ele nunca havia sonhado com algo que parecesse tão real. Aquilo o intrigava, mas tentava evitar pensar no fato, imaginando que como todas as pessoas tinham pesadelo, mais cedo ou mais tarde com ele deveria acontecer o mesmo.

Estava tão atrasado que mal teve tempo para tomar banho. Molhou-se por alguns segundos, vestiu-se rapidamente, pegou uma maçã e atirou-se no carro. No caminho, distraiu-se pensando nas cenas que sua mente

Sonhos e Delírios

havia produzido. A imagem do abutre não saía de sua cabeça. Era como se a ave o conhecesse de longa data. Nem os cães, nem o chão se abrindo ou brotando sangue o assustaram mais que o sorriso misterioso do abutre.

Entretanto, o que mais ocupava seus pensamentos era a identidade da mulher que pediu por socorro. Porque ela parecia tão real? Lembra-se de todos os sonhos que teve em sua vida e jamais uma imagem havia sido tão viva, marcante e verdadeira quanto à daquela jovem amarrada à árvore, ameaçada pela matilha.

Sem perceber já havia estacionado o carro e correu para tomar o elevador. Seguiu rumo ao sétimo andar. Carlos trabalhava desde alguns anos nesta empresa de engenharia, havia sido seu terceiro emprego, pouco depois de concluir a faculdade. A empresa não era grande, mas o ambiente de trabalho era amigável e o trabalho desafiador, o que representava um atrativo.

- Oi Carlos, atrasado de novo? – Saudou, rindo, sua amiga Bárbara.

- Acordei tarde de novo. Mas foi diferente, estranho. – Respondeu.

- Diferente? – A curiosidade, sobrenome das mulheres, falou mais alto.

- Sim, tive um pesadelo muito estranho.

- Pesadelo? Eu ouvi direito? O Senhor Carlos Bourbon, aquele que se gabava de nunca ter tido um pesadelo, finalmente teve um? – Respondeu, de forma sarcástica.

- Sério Bárbara, não zombe disso.

O diálogo é logo interrompido com a chegada do Sr. Basílio, diretor da empresa. Ele cumprimentou a ambos e perguntou sobre o projeto que

Igor Alcantara

precisavam entregar no dia seguinte. O mesmo ficou satisfeito ao saber que estava tudo muito bem encaminhado e provavelmente estaria pronto antes do final do dia.

Basílio tinha por volta de sessenta anos de idade e herdou a empresa de seu pai. Desde o início precisou lidar com a desconfiança de muitas pessoas, de funcionários a clientes. Todavia, com seu jeito gentil e doce, conquistou a todos e mostrou-se um excelente administrador, mesmo sem entender muito das áreas de engenharia e arquitetura. Ele entendia de pessoas e isso era o que guiava seu sucesso.

Carlos estava sentado à mesa finalizando o trabalho encomendado por um cliente quando sentiu um tapa em suas costas. Era Gustavo, colega de trabalho e amigo desde a infância. Ambos conheceram-se por acaso. Carlos havia se envolvido em uma briga na rua e Gustavo, que passava próximo, veio ajudá-lo por ver que o futuro amigo estava em desvantagem numérica. Nasceu assim uma amizade de duas pessoas que eram mais do que irmãos. Estudaram na mesma escola por vários anos até que decidiram pelo mesmo curso universitário, no qual se formaram juntos.

Ao receber o tapa nas costas, Carlos sentiu uma incômoda dor. Pediu então para que o amigo não fizesse mais aquilo, pois havia exagerado na força. Gustavo não entendeu o pedido e respondeu que foi apenas um tapa amigável, jamais colocaria força além da necessária em uma brincadeira assim.

Neste momento, Carlos passou a mão às costas e ambos viram algo que os intrigou, muito mais a ele do que a qualquer outra pessoa. Havia pequenos pontos de sangue que manchavam levemente a sua camisa. Decidira vestir preto no dia, por isso as marcas eram quase imperceptíveis. Foi então ao banheiro de modo a limpar-se.

Sonhos e Delírios

Qual não foi sua surpresa ao olhar ao espelho, já sem camisa, e ver um corte profundo, mas já em cicatrização, em suas costas. Sentiu um enorme calafrio. Passou a mão e notou que ainda estava úmido. Quando acordou, estava tão atrasado que nem notou tal corte. Lembrou-se do pesadelo e do momento em que caiu e feriu-se com um pontudo galho de árvore. Haveria mesmo sido apenas um sonho?

A dúvida era se contava a alguém ou se guardava para si. Por mais que tivesse amigos como Gustavo e Bárbara, em quem podia confiar, tinha medo de ser taxado de esquisito ou mesmo de louco. Sabia que tal história não tinha o menor nexo. Era tão absurdo pensar algo assim que ele mesmo começou a achar que fantasiou o pesadelo por demasia e que o corte não passava de coincidência. Entretanto, não existe algo assim no mundo, tudo ocorre com um propósito.

O dia seguinte chega e com ele a apresentação ao cliente. Além deste próprio e de sua equipe, estavam na sala Carlos, Bárbara, o Sr. Basílio e um recém-contratado: o talentoso engenheiro Paulo Belmonte. Sr. Basílio deu início e encaminhamento à reunião, apresentando o projeto. Após concluir, abriu espaço para comentários. O cliente gostou do que havia sido feito, mas Paulo interviu, sugerindo algumas melhorias que logo foram aprovadas. Tal fato gerou mais trabalho a Carlos e Bárbara, além de mais prestígio ao novato na empresa.

- Quem este Paulo pensa que é? Ah, se eu pudesse dizer a ele o que eu acho. – Esbravejou Carlos aos seus amigos, quando se encontravam a sós.

- Ele quis usar o nosso trabalho para se promover. Porque ele mesmo não fez o projeto então? – Respondeu Bárbara, igualmente indignada.

Foi Gustavo quem os acalmou. Disse que o talento deles era conhecido e que ninguém os tiraria os méritos. Além do que as ideias de Paulo

Igor Alcantara

acabariam por ajudar em um projeto deles, o que ao final seria bom profissionalmente, já que no futuro poucos se lembrariam de quem foi a ideia. Após algum tempo, o que ficaria seria a autoria do projeto, dos dois amigos, que acabariam por levar o crédito total pelo feito. Realmente não valia a pena importar-se com isso, haveria em breve coisa bem mais séria a que se ocupar.

Capítulo 3

Naquela noite foram Carlos, Bárbara e algumas pessoas à casa de Gustavo para comemorar seu aniversário. Cada um dos convidados deveria levar algum CD que seria executado na festa, dando um toque especial de cada pessoa ao ambiente. Carlos trouxe um antigo álbum da banda “Dinosaur Jr.”. Já Bárbara, fã incondicional de “The Flaming Lips” chegou com o clássico “Hit The Death in the Future Head”. Todos se divertiam vendo o que os demais haviam selecionado.

Gustavo parecia feliz com a presença dos amigos em seu apartamento. Já Carlos permaneceu pensativo na varanda olhando para lua enquanto ouvia os versos “Ride the snake, ride the snake to the lake, the ancient lake”. Não sabia por que nos últimos dias tantos pensamentos vinham em sua mente. Pouco conseguia concentrar-se em seu trabalho. Olhava para o céu escuro e sentia-se conectado a cada estrela, por mais distante que essas estivessem.

Ao fechar os olhos, começou de forma inconsciente a ver pessoas e cenas que jamais havia visto antes. Medo não era a palavra que melhor descrevia seu estado de espírito. Talvez paz, o sentimento de vazio completo, sem receios ou ambições, sem tristezas ou alegrias, apenas paz. Quanto mais se deixava chegar a este estado pleno de relaxamento, mais nítidas as imagens chegavam à sua mente.

O vento batia em seu rosto. Os olhos fechados podiam quase ouvir o ronco do motor de seu novo carro. A velocidade era alta na escura e perigosa rodovia. John Riddle acelerava cada vez mais no seu belíssimo automóvel, o bem mais precioso que havia conquistado. Não tinha medo, apenas alegria em desfrutar do prazer que aquilo trazia.

Igor Alcantara

Maria Soledad sentia-se muito bem. Estacionou o carro na garagem e entrou em sua casa calmamente após um longo dia de trabalho. Subiu as escadas e ao abrir a porta do quarto encontrou seu marido na cama com outra mulher. Ficou sem reação ao vê-los sem roupa. Após dois minutos de choque, começou a gritar, mas o casal ignorou sua presença e continuou mantendo relações sexuais bem à sua frente. Eles riam, divertindo-se com sua dor.

Chovia bastante. Kamau Bwalya caminhava calmamente pelas ruas deixando a água lavar seu corpo. As roupas encharcadas não o incomodavam. Parou em um bar, comprou uma cerveja e continuou andando. Uma fraca luz iluminava a avenida deserta. Andou por algum tempo até que não teve mais para onde ir. Um imenso muro impedia sua passagem. Olhou ao alto e viu as cercas elétricas que o prendiam. Estava rodeado por essas espessas paredes. O silêncio foi drasticamente interrompido por seu grito agudo. Estava de volta ao presídio, como aquilo poderia ter acontecido? Ele já havia cumprido sua pena, porque retornou à cadeia? Ajoelhou-se e começou a chorar enquanto os guardas corriam em sua direção para espancá-lo, como antigamente.

Bárbara abraça-o em um ato de gentileza e isso o faz voltar à realidade. Não sabe por quantos minutos esteve apagado, distante, mas em todo esse tempo imagens diversas, de todas as partes do mundo, ocuparam sua mente. Dezenas de cenas, algumas ruins e outras boas, mas vistas sob uma ótica muito próxima, como se ele soubesse o que fosse acontecer depois, como se fizesse parte daquilo. Lembrava-se do rosto dessas pessoas e sabia que conhecia a todas, mas não se recordava de nenhuma pelo fato de realmente nunca as ter visto.

- Porque você está aqui isolado? – Perguntou Bárbara.

- Nenhum motivo especial, apenas pensando. – Respondeu Carlos Bourbon.

Sonhos e Delírios

- Li em seu Twitter que você ficou chateado com o que o Paulo fez, intrometendo-se em nosso projeto. Eu também não gostei.

- Pois é, fico pensando muito nisso. Trabalhamos tanto para esse projeto, fins-de-semana, e vem esse sujeito e tenta levar todo o crédito. – Respondeu Carlos, contrariado.

- Não vamos pensar nisso agora, é aniversário do Gu, vem, vamos conversar com o pessoal. – Convidou Bárbara, com um sorriso.

Os amigos ficaram no apartamento por mais duas horas e depois foram embora. Como planejavam beber algumas cervejas e um pouco de vinho, acharam mais seguro ir de taxi até à casa de Gustavo e precisavam, portanto fazer o mesmo de modo a retornarem.

- Porque não pegamos o mesmo carro e eu peço para ele passar primeiro na sua casa? Não é tão longe assim. – Sugeriu Carlos.

- Tudo bem! – Sorriu Bárbara, concordando imediatamente.

O local onde estavam era quase deserto. Precisavam caminhar durante dez minutos até uma movimentada avenida de modo a conseguirem um taxi. Fizeram este percurso calmamente enquanto falavam sobre os mais variados assuntos. Eram amigos desde que se conheceram na empresa. Desde então, algo que gostavam de fazer era conversar.

Presenciaram uma bela noite de outono. Caminhavam desviando da sombra refletida no asfalto e das raras poças de lama formadas em buracos do desgastado piso. Por um momento não sabiam o que dizer e um silêncio desconcertante estabeleceu-se entre os dois. Cada um distraiu-se com seus próprios pensamentos como folhas que caem de uma árvore em um grande rio e separam-se após um tempo. Talvez fosse a temperatura, talvez apenas as dúvidas e problemas que

Igor Alcantara

enfrentavam, mas após alguns minutos era difícil para qualquer um retomar a conversa.

Eles passaram por uma escura rua que ao seu final daria acesso ao local onde esperavam encontrar um táxi que os levasse cada um a sua residência. Acontece que chegando à metade dessa via, Carlos notou que não estavam sozinhos. Antes que pudesse ter qualquer reação, viu surgir de forma súbita um assaltante armado com uma longa e afiada faca, ameaçando-lhes a vida.

Bárbara logo demonstrou nervosismo e nada fez, paralisada, quando o bandido exigiu que ambos entregassem-lhe dinheiro e demais pertences de valor. Não teve qualquer reação, talvez por não acreditar que algo assim pudesse acontecer. Carlos apenas pensava em proteger sua melhor amiga, evitar que algum mal a acontecesse. Deste modo, pediu-a que entregasse o que o ladrão pedia de modo que pudessem ir embora.

Ao invés de cooperar com o assaltante, Bárbara começou a chorar. Isso o irritou profundamente e o mesmo, visivelmente sob o efeito da cocaína, levou a faca em sua direção. Quando se lembra deste fato, Carlos sente calafrios. Toda a cena pareceu desenrolar-se em velocidade lenta. O movimento inclinatório que a faca percorreu fez com que a fraca luz de um poste distante refletisse na lâmina e isso quase cegou ao amigo de Bárbara. Ele chegou mesmo a ver seu rosto refletido na maligna peça de metal.

A faca pouco a pouco se aproximou do tórax de sua amiga. Os olhos do bandido ardiam em chamas de ódio. De sua face brotavam gotas de suor que desciam-lhe como uma salgada chuva de primavera. Sua respiração era rápida e ofegante. Cada músculo de seu corpo parecia vibrar freneticamente. E sua mão caminhava cada vez mais em direção a ela. Cada segundo deste terrível momento durou vinte e um minutos.

Sonhos e Delírios

Carlos já imaginava o coração de sua amiga sendo atingido pela faca e os vasos sanguíneos partindo-se em dezenas de fragmentos. O sangue inicialmente explodiria rumo à face do criminoso e o gosto que este plasma deixaria em seus lábios o daria mais sede de violência, levando-o a proferir outra série de facadas. As mãos do bandido seriam sujas de vermelho, mas a alma de Carlos é que ficaria para sempre pintada de negro, como em um luto.

A lua parecia aproximar-se de modo a ver o acontecimento, fato esse que mudaria a vida de muitas pessoas durante muito tempo. Carlos observou com terror a cena, já sabendo de seu resultado e deprimido por não poder evitar. O que faria após um trauma desta magnitude? Quanto tempo levaria para recuperar-se da dor? Isso não citando o sofrimento pela perda de uma boa e grande amizade.

Em um ato de impulso, Carlos saltou à frente do ladrão e tentou empurrar-lhe para que o mesmo não fizesse nenhum mal à sua amiga. Com a imagem da morte de Bárbara em sua cabeça, o ódio tomou-lhe conta e até as atividades mais corriqueiras de seu cérebro foram interrompidas por alguns segundos. Não imaginava que algo assim pudesse acontecer, mas depois descobriria que as coisas teriam que desenrolar-se daquela forma.

Ao tentar posicionar-se entre o bandido e Bárbara, Carlos levou suas mãos contra o corpo do assaltante tocando-o levemente. A sua surpresa não poderia ser maior ao ver o sujeito desmaiando em sua frente, caindo inconsciente ao chão. O que aconteceu? Ele apenas tocou o corpo do homem desconhecido, como isso poderia ter ocasionado a sua queda? Não houve violência, apenas um toque, dos mais sutis, apesar de repleto de ódio.

O elemento não desmaiou por bater a cabeça em algum lugar, foi nítido que ele desmaiou imediatamente após ser tocado por Carlos e apenas

Igor Alcantara

após esse apagão foi que caiu. Desacordado, o ladrão parecia mover os olhos freneticamente. A respiração era ofegante e sua expressão facial estava contraída. Bourbon ajoelhou-se ao seu lado e observou a cena com um sentimento misto de surpresa e curiosidade.

Bárbara, refazendo-se do susto e vendo que não sofrera nenhum ferimento, ficou ao lado do amigo tentando entender o que acontecia. Carlos fechou os olhos e pôde enxergar com enorme nitidez uma imensa cratera e no fundo desta estava uma pessoa, um homem apavorado, nu e cercado por diversas feras demoníacas. Ele gritava, mas elas aproximavam-se cada vez mais a fim de devorá-lo.

- Carlos, o que aconteceu? Porque ele desmaiou? E porque ele está sim tão agitado?

- Nada Bárbara, ele apenas está tendo um pesadelo.